

O Papel da Masturbação no Desenvolvimento Sexual do Adolescente¹

El Papel de la Masturbación en el Desarrollo de la Sexualidad del Adolescente

Marcelo Coelho Niedersberg²

“A masturbação da puberdade, na realidade, nada mais é do que um revivescimento da masturbação da tenra infância, um assunto que até hoje tem sido invariavelmente desprezado. O problema da masturbação torna-se insolúvel se a tratarmos como uma unidade clínica, esquecendo que ela pode representar a descarga de todos os tipos de componentes sexuais e de todos os tipos de fantasias a que esses componentes podem dar origem”.

Freud. Sigmund, 1909, pg. 205.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Julho de 2006.

² Psicólogo. Aluno do Curso de Pós-Graduação "Teoria Psicanalítica na Clínica Psicoterápica" no Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, 2007. Endereço para correspondência: mcniedersberg@hotmail.com

Resumo: O presente artigo procura identificar qual o papel da masturbação no desenvolvimento da sexualidade do adolescente masculino. Participaram deste estudo cinco adolescentes, alunos de uma escola estadual localizada na cidade de Porto Alegre, com idades entre treze e quatorze anos. Foi realizada a técnica de grupo focal com a utilização de dinâmicas, para a coleta de dados. A partir dessa pequena amostra, ficou evidenciado que estes adolescentes iniciaram a masturbação aos onze anos, ejacularam pela primeira vez aos doze anos, preferem se masturbar no banheiro, com a frequência de uma a três vezes por semana, não apresentando sentimentos de culpa e/ou vergonha, mas outros estímulos e/ou sentimentos em relação a prática masturbatória, que foi considerado um comportamento normal e bom, fazendo parte desta etapa de suas vidas.

Resumen: El presente artículo busca identificar cual el papel de la masturbación en el desarrollo de la sexualidad del adolescente masculino. Hicieron parte de este estudio cinco adolescentes, alumnos de una escuela estadual ubicada en la ciudad de Porto Alegre con edades entre trece y catorce años, utilizando la técnica de grupo focal con dinámicas y a partir de ese pequeño ejemplo, queda evidenciado que estos adolescentes iniciaron la masturbación a los once, eyacularon por primera vez a los doce, prefieren masturbarse en el baño, con la frecuencia de una hasta tres veces en la semana, no presentando sentimientos de culpa y/o vergüenza, pero otros estímulos y/o sentimientos en relacion a plática masturbatoria, que fue considerado un comportamiento normal y además bueno, haciendo parte de esta etapa de sus vidas.

Palavras-chave: Adolescência, masturbação, sexualidade, culpa e vergonha.

Palabras-claves: Adolescencia, masturbación, sexualidad, culpa y vergüenza.

A temática da sexualidade foi inicialmente abordada por Sigmund Freud nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade entre (1901-1905), sendo mais tarde aprofundada por vários autores. Desde quando Freud, em pleno período Vitoriano, ousou abordar a temática da sexualidade humana, até os dias atuais, observa-se que esta questão ainda é abordada de forma nebulosa e preconceituosa. Não muito diferente ocorre em relação à masturbação na adolescência e suas implicações. A partir do tabu que envolve essa temática, durante muito tempo, negou-se e sublimou-se a importância que a masturbação tem no desenvolvimento psicosssexual do adolescente e sua contribuição na constituição do psiquismo.

Sabemos que o ato masturbatório aparece bem antes da adolescência, mas, é nesta idade, entre 11 e 13 anos após o término da latência, segundo Tallaferro (1989) que desemboca a possibilidade de uma ejaculação e, portanto, de um orgasmo. Neste período surge uma grande quantidade de excitação sexual, alias, muito semelhante com a da vida adulta, embora com a diferença fundamental de que os objetos ainda são, inconscientemente, os mesmos que na infância. O início da masturbação para Zimermam (2005) pode representar para os meninos um positivo aspecto de um sadio desenvolvimento psicosssexual, levando em conta que os primeiros atos de masturbação indicam uma saudável curiosidade com a finalidade de conhecer o seu próprio corpo, uma forma de escoamento de fantasias e a possibilidade de entrar em contato com sensações que seriam privilégio exclusivo dos adultos. Por conseguinte, continua em vigor a barreira do incesto, uma das razões pela qual a masturbação, na puberdade, desperta sentimentos de culpa, já que se pode considerá-la uma repetição do onanismo infantil, praticado com fantasias extraídas da constelação do complexo de Édipo.

De acordo com Outeiral (1994), nesta etapa do desenvolvimento psicosssexual, o adolescente faz a passagem da bissexualidade para a heterossexualidade, reconhecendo que é um ser incompleto (ferida narcísica), necessitando buscar o outro. Para Aberastury (1980), a masturbação reaparece depois da latência, induzida pela crescente maturidade genital, e cumpre uma dupla tarefa: ajudar o adolescente a aceitar seu sexo biológico e a lutar contra a tendência a consumir o incesto. Para Marcelli e Braconnier (1989), o objeto da atividade masturbatória está na fantasia. Ao se masturbar, o adolescente, de forma inconsciente, trás o reprimido da cena primária, e com isso realiza por excelência, a ilusão bissexual da vida erótica. A pessoa que se masturba, segundo Blos (1998), experimenta uma representação do eu e do objeto, ou seja, ao mesmo tempo é sujeito e objeto, masculino e feminino, ativo e passivo. Ao masturbar-se, o adolescente também controla seus pais magicamente, negando o

perigo da castração.

O mesmo autor relata que a masturbação adolescente está inserida numa longa história de sensações e experiências auto-eróticas que remontam ao passado impreciso da primeira infância, onde essa experiência constitui uma etapa decisiva no processo de desprendimento, onde as pulsões são relegadas mais a um papel de iniciação do que de saciadora, estando o desprendimento focalizado no alvo genital. A realização final da masturbação adolescente está na elaboração dos jogos preliminares, tornando-se uma atividade sexual transitória que coloca as experiências infantis auto-eróticas em contato com objetos por meio de imagens mentais que constituem a fantasia. A masturbação para Aberastury (1980) reveste-se de características grupais e exibicionistas, e a criança vai conseguindo estabelecer, por essa atividade sexual e seus jogos, a aquisição de sua identidade sexual. Segundo Outeiral (1994), os rituais de iniciação da adolescência visam, exatamente, submeter o adolescente às leis de sua cultura e estabelecer a interdição do incesto. Imagine-se um rapaz que, com uma parte de seu corpo, “sua mão”, constrói uma vagina e, com a sua imaginação, uma moça que ele deseja. Com essa atitude, ele passa a não necessitar do outro para sua satisfação sexual, obtém prazer por si mesmo, numa atividade auto-erótica. Que situação sexual mais ideal pode existir? Ele tem quem ele quer, quando quer e como quer através da fantasia masturbatória.

Segundo Aberastury (1980), quando a maturidade genital chega e estimula o adolescente a relacionar-se com o outro sexo, faz-se também possível a consumação do incesto. Ao mesmo tempo, define-se seu papel de procriador e, escapando ao incesto, o adolescente inicia a busca do objeto de amor no mundo externo. Com isso o filho torna-se duplamente rival, e pode assumir a paternidade ou maternidade biológica. Converte-se em um sério competidor na situação incestuosa por já ter o instrumento para consumá-la. É aqui que começa o verdadeiro drama do Édipo, onde a fantasia da cena primária se soma à fantasia do incesto, porém, se o incesto se consuma, esta cena primária se destrói.

Então a masturbação assume um significado totalmente novo, o de defender o jovem do incesto, já que as fantasias incestuosas passam a ser possíveis. Na realidade, o adolescente, diferentemente da criança, possui o órgão genital maduro, com o qual poderia consumir o incesto.

A adolescência segundo Bardi, Leyton e Martinez (2003), caracteriza-se justamente por um período onde se encontra a maior frequência masturbatória. Essa conduta está presente em ambos os sexos, e o ato de repreender ou castigar um adolescente por masturbar-se pode

acarretar sentimentos de culpa e vergonha em relação à sua sexualidade. A ausência total de masturbação durante a adolescência para Blos (1998) indica uma incapacidade de lidar com as pulsões sexuais da puberdade. Além disso, indica que a masturbação infantil foi reprimida a tal ponto, que o alinhamento necessário das pulsões pré-genitais com a sexualidade genital não se pode realizar. A abstinência total da masturbação representa uma paralisação no desenvolvimento psicosexual. Coloca ainda que a masturbação pode ser organizadora das pulsões e, também, paralelamente, organizadora do ego, mas também pode servir como obstrutora desses processos. Como fator de obstrução, a masturbação surge como um regulador habitual indispensável da tensão.

Quando a masturbação segundo Tausk (1912 apud BLOS, 1998) proporciona plena satisfação, e torna-se a única modalidade de gratificação sexual, pode o sujeito perpetuar e fixar o infantilismo, com isso o indivíduo não tem razão para competir com os outros por um objeto sexual, já que encontra todas as fontes de prazer facilmente em si mesmo. Por outro lado, para Moore e Fine (1992) a masturbação compulsiva pode ocorrer quando a ansiedade de castração e a culpa acompanham a atividade, de maneira que o indivíduo exige uma tranquilização contínua de que seus órgãos genitais acham-se intactos. A masturbação é patológica quando o indivíduo a prefere, de modo exclusivo, a parceiros disponíveis, estabelecendo um estado de fixação bissexual que resulta, de um lado, no empobrecimento dos interesses voltados para o objeto e, de outro, na proliferação de uma vida de fantasias supercatexiadas. Para Blos (1998), na masturbação, a fantasia pode exercer uma influência prejudicial na formação da personalidade. Isso ocorre devido à intensa angústia do superego e a sentimentos de culpa que podem resultar na paralisação do desenvolvimento psicosexual, que pode assumir aspectos patológicos consolidando fixações infantis. No entanto somente quando essas práticas adquirem caráter compulsivo tornam-se prejudiciais ao desenvolvimento progressivo.

De acordo com Moore e Fine (1992), a luta contra a masturbação ou as fantasias associadas a ela podem manifestar-se no roer unhas, no coçar, no bater com a cabeça, na tricotilomania (arrancar cabelos, sobrancelhas e pestanas) ou na tricofagia (morder, mastigar ou engolir cabelos). A fantasia, associada a componentes orais, anais ou uretrais da sexualidade, torna-se totalmente inconsciente e é deslocada para certas atividades do ego. Os mesmos elementos podem vincular-se a traços de caráter, a expressarem fantasias masturbatórias através da disposição à briga, a atividade criminosa, ao interesse exagerado em

acontecimentos provocadores de ansiedade tais como acidentes, falar compulsivo e outros sintomas compulsivos ou obsessivos. Segundo Kaplan e Sadock (1993), a masturbação representa um sintoma psicopatológico apenas quando se torna uma compulsão além do controle voluntário do indivíduo. Nesse caso, pode ser considerada como um transtorno emocional, não pelo caráter sexual, mas por ser uma imposição defensiva, (para não se repetir tanto). Torna-se anormal se for o único tipo de atividade sexual eleita, realizada ou quando praticada com frequência tal que indique uma disfunção sexual.

Para Zimerman (2005), a persistência da masturbação em pessoas adultas, por razões várias, não necessariamente deve significar algum estado de patologia. Isto não exclui a possibilidade de que, em certos casos, a masturbação possa adquirir uma dimensão patológica, quando, então, é praticada em excesso ou quando a sua prática provoca fortes sentimentos de culpa, com conseqüências prejudiciais para a saúde psíquica. O que acontece é que, muitas vezes, a moral religiosa – extensiva aos valores da família – atribuiu ao ato da masturbação um significado de pecado, de vergonha e de culpa.

Considerações Finais

O presente artigo visa discutir e identificar o papel da masturbação no desenvolvimento sexual do adolescente e tem por objetivo contribuir para um melhor entendimento desse período do desenvolvimento sexual do adolescente. Partindo dessa idéia, busca-se, nesse item, a integração da teoria apresentada com os resultados coletados e categorizados pelas dinâmicas realizadas.

A sexualidade pode ser considerada um dos momentos mais difíceis para o adolescente e seus pais, como também para a sociedade, principalmente devido à cultura relacionar o sexo com castigo e pecado. A masturbação entra, neste contexto, como um recurso defensivo contra as fantasias de consumação do incesto e, também, serve como uma revivência do complexo de Édipo e do complexo de castração.

A partir da leitura realizada para a pesquisa e o artigo, percebe-se que a sexualidade está presente no indivíduo desde seu nascimento, estendendo-se até sua morte, percorrendo caminhos evolutivos e buscando afirmação na adolescência, na revivência do auto-erotismo. Sendo assim, a masturbação torna-se um processo de descoberta erógena e de autogratificação

erótica que vem desde a infância até a vida adulta.

Na adolescência, a masturbação desvenda para o sujeito o fascínio da experiência orgástica e o deixa em estado de bem-estar com o próprio corpo. O estado de auto-erotismo serve para o amadurecimento do ego do adolescente e, se este não for reprimido neste período, vai se reconhecer com um eu prazeroso, ajudando seu desenvolvimento psicosssexual.

A partir dos resultados coletados nas dinâmicas de grupo, percebe-se que os adolescentes desta pesquisa, em sua maioria, iniciaram a masturbação aos 11 anos de idade, época em que declina a latência – período em que os impulsos sexuais são reprimidos e deslocados – e se inicia a adolescência – período onde se torna possível gratificar as fantasias sexuais mediante um objeto externo.

Foi observado que os adolescentes pesquisados iniciaram a masturbação aos 11 anos, quase na mesma época em que começaram a ejacular, a maioria aos 12 anos. Para Aberastury e Knobel (2004), a aceitação da genitalidade surge com força na adolescência, imposta pela difícil presença de negar a aparição do sêmen. Esta função fisiológica que caracteriza este período da vida impõe ao genital a procriação e a definição sexual correspondente.

Percebe-se que os adolescentes pesquisados têm estímulos dos mais variados para se masturbar. Estes estímulos podem ser visuais (revistas e filmes pornográficos), ou puramente imaginativos, (alguma mulher por quem tem tesão). Um dos pesquisados, Pedro, relata: “Eu costumo montar, imaginar em minha mente quando me masturbo, uma mulher” (sic). A partir do que foi observado nos relatos destes adolescentes, mulheres conhecidas deles ou não, são o maior estímulo que eles têm para a prática auto-erótica.

Também não se pode deixar de observar, neste grupo pesquisado, que a estimulação da sexualidade, por parte de pais ou familiares, é muito expressiva e significativa. Essa estimulação se dá a partir da compra de revistas pornográficas, busca na Internet de sites pornográficos e na locação de filme pornô, por parte de algum membro da família. Foi relatado por João, um dos participantes, que “sua mãe compra, com frequência, revistas para ele; o mesmo acha esse comportamento normal, dizendo até gostar deste estímulo” (sic). Em um outro caso, muito parecido, um dos participantes, José, relata: “Meu tio me convida para ver sites pornográficos, quando nós dois estamos em casa sozinhos” (sic). Em relação a um dos casos descritos, pode-se fazer um paralelo entre estímulo (compra de revista e locação de filmes), por parte da mãe, e o início da masturbação deste púbere. O adolescente em questão

que vivencia essa situação, acabou sendo o último dos pesquisados a iniciar a masturbação, com 13 anos de idade.

Outro dado que chama bastante a atenção do pesquisador, em relação ao material coletado, é a observação de alguém mantendo relações sexuais, como estímulo para a masturbação. Os adolescentes relataram que observaram vizinhos, irmãs, primas e até os pais mantendo relações sexuais, e que estes estímulos despertam a vontade de se masturbar.

Não se pode deixar de comentar que tal realidade é própria de classes economicamente mais baixas. Geralmente, essas famílias vivem em casa de quarto e sala e, a partir desta demarcação espacial, torna-se comum os filhos escutarem os pais mantendo relações sexuais. Isso, de certa forma, contribui para uma maior estimulação da sexualidade nestes jovens.

Percebe-se que, em termos de local para se masturbar, o banheiro é o local de maior preferência para a prática masturbatória dos adolescentes pesquisados, pois este local é, geralmente, o único onde podem ficar sozinhos, tendo maior privacidade.

Os adolescentes pesquisados, em sua totalidade, são de classe social “D” e “E”, e, na sua grande maioria, estes jovens dividem o local onde dormem com mais algum membro familiar. Percebe-se que este seja o principal motivo de ser o banheiro o melhor local para se masturbar.

Ainda foi mencionado pelos pesquisados, como local de preferência para a prática masturbatória, a sala e quarto. A privacidade é uma questão que deve ser bastante observada e considerada na prática masturbatória, pois representa uma questão do eu-indivíduo, tornando-se adaptativa e contribuindo para a constituição de ego e formação de personalidade.

Observa-se que os adolescentes desta pesquisa masturbam-se de uma a três vezes por semana, e já se masturbaram mais de uma vez em um mesmo dia. Fica clara a preferência por masturbarem-se durante a semana, pois tem menos gente em casa. A questão da privacidade vem à tona mais de uma vez nesta categoria de análise.

Fazendo um paralelo com o local preferido para sua masturbação (banheiro), percebe-se que estes adolescentes buscam um momento íntimo, de estar sozinho para poderem se conhecer melhor em relação a sua sexualidade.

A atividade masturbatória torna-se um dos elementos que expressam o narcisismo e a onipotência da adolescência normal. Constitui um aspecto quase universal e inevitável do desenvolvimento psicosssexual e, na maioria dos casos, é adaptativa para a entrada na vida

sexual adulta.

Em termos de sentimentos presentes na masturbação, os mais relatados pelos adolescentes pesquisados são: tesão, prazer e necessidade. Relatam que são sentimentos necessários para a prática masturbatória. Os sentimentos de vergonha e culpa, aparecem de forma insignificante, sendo apenas uma vez citado. Quando perguntados pelo pesquisador se tinham vergonha ou culpa, todos relataram que masturbar-se é normal e faz parte da vida do adolescente.

Não se deve deixar de observar sentimentos como ansiedade, solidão e tédio que surgiram na pesquisa como uma justificativa para se masturbar. Como relataram João, Marcos e Pedro: “me masturbo por estar entediado ou quando estou sozinho. Não gosto de ficar em casa sozinho, aí vou lá e bato uma” (sic), “não gosto de ficar agitado, isso me dá ansiedade, por isso me masturbo” (sic), “quando estou muito triste vou lá e bato uma” (sic).

A partir do que foi trazido pelos adolescentes participantes desta pesquisa, a masturbação é considerada uma prática normal, dizem não sentirem culpa e tampouco vergonha em se auto-estimular. João relata: “meu pai e meu tio diz que a punheta ainda vai me matar, que estou sempre com cara de cansado e com olheiras, e que isso é por causa da punheta” (sic). “Mas isso é apenas para tirar onda com a gente” (sic). A partir do que foi colocado e trazido pelos pesquisados, a masturbação pode ser considerada uma atividade sexual de transição indispensável.

Porém, cabe ressaltar que os pesquisados acreditam que a masturbação pode se tornar uma patologia se praticada em excesso, de forma compulsiva e na frente dos outros, mas também acreditam ser uma atividade normal que faz parte da idade, e é muito boa.

Foi observado que alguns pesquisados demonstram medo de adoecer por causa da masturbação, considerando, por exemplo, que se masturbar, na frente de alguém, é uma doença, não sendo um ato normal. Masturbar-se a toda hora, em qualquer lugar, quando der vontade, também é trazido como patologia, ou seja, quando a masturbação torna-se um vício ou uma compulsão, que é preciso fazer a toda hora.

Fazendo um paralelo entre masturbação e relação sexual com os adolescentes pesquisados, os mesmos demonstram, em sua totalidade, a predileção pelo ato sexual em vez do ato de masturbar-se. Isso foi observado mesmo em relação aos púberes que nunca experimentaram a primeira relação sexual.

Examinando os dados coletados com essa pequena amostra de adolescentes selecionados para esta pesquisa, e através das leituras, dinâmicas de grupo e da discussão, obteve-se um bom entendimento do tema pesquisado. Porém, sabe-se que a psicologia clínica e a psicanálise estão sempre trabalhando as questões da sexualidade adolescente devido às mudanças constantes de cunho social de temática da sexualidade, em nossa sociedade.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, Arminda. **A Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus Jogos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **La Adolescência Normal**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

BLOS, Peter. **Adolescência**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORDIOLI, Aristides V. **Psicoterapias: Abordagens atuais**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FINE, Bernard D.; MOORE, Burness E. **Termos e Conceitos Psicanalíticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FREUD, Sigmund. **Notas sobre um caso de neurose obsessiva**. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume X (1909), 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KAPLAN, Harold I. **Compêndio de Psiquiatria**. Porto Alegre: Artes Médicas 1993.

KAPLAN, Louise J. **Adolescência, El Adios a la Infancia**. Buenos Aires: Paidós 2004.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1982.

MARCELLI; BRACONNIER. **Manual de Psicopatologia do Adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer, Estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes

Médicas, 1994.

TALLAFERRO, Alberto. **Curso Básico de Psicanálise** São Paulo: Martins Fontes 1989.

ZIMERMAN, David. **Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus.** Porto Alegre: Artmed 2005.